

Educação

Ciúme! Que sentimento é esse?

Quantas vezes nos perguntamos a respeito do ciúme? Se é bom ou mau, normal ou anormal? Parece-me que esse sentimento não só é normal como é saudável. O ciúme decorre do fato de que as crianças amam. Se elas não têm capacidade para amar, então não revelam ciúme. A maioria das crianças saudáveis tornam-se capazes de dizer que sentem ciúme, o que lhes dá uma oportunidade de discutir do que é que estão ciumentas, e isso pode ajudar bastante. Quero deixar claro que, que a primeira coisa a ser dita sobre esse sentimento, é que representa uma realização no desenvolvimento da criança pequena, indicando sua diferenciação e sua capacidade de amar.

Novas vivências e realizações habilitam a criança a tolerar ser ciumenta. Os primeiros ciúmes manifestam-se usualmente em torno da chegada de um novo bebê, mas sabe-se que esse sentimento não é evitado pelo fato de existir somente uma criança na família. Qualquer coisa que absorva a atenção e o tempo da mãe pode provocar ciúme, tanto quanto a chegada de um irmãozinho. Acredito que as crianças que conhecem o ciúme e se conciliam com ele, conse-

guem enriquecerem-se e amadurecem com tal experiência.

O Filho mais velho e a chegada do novo bebê!!! Como preparar essa mudança!!!

As crianças maiores costumam esperar a chegada do irmãozinho com muitas perguntas sobre o processo de reprodução, mas se seu filho ainda é pequenino, ele pode não ter a compreensão do que é um bebê. Uma boa maneira de prepará-lo é mostrar fotos dele mesmo e da sua evolução, para que perceba que já foi tão pequeno e indefeso quanto o irmãozinho. Se não há outras crianças na família, procure levá-lo a casa de uma amiga que tenha bebê, para que ele possa vê-la cuidando do filhinho. Permita que ele sinta o bebê se movimentando dentro da barriga e incentive-o a brincar, banhar, vestir e alimentar bonecos.

É tempo de começar a delegar certas tarefas ao pai. A chegada de um novo filho, sempre estreita o relacionamento entre o pai e o mais velho, e é saudável que isto aconteça, pois vai ajudá-la bastante quando você estiver absorvida nos cuidados com o bebezinho.

Solange Lompa Truda
Psicóloga CRP 07/02345

Educação

O Fascínio das Canções, Histórias e Desenhos Animados Infantis

Ouvir e ler histórias, assistir a desenhos animados e cantar são, para as crianças, formas de brincar. Existem canções, histórias e desenhos infantis que, apesar de não descreverem atitudes ideais ou politicamente corretas (ao menos para os parâmetros comportamentais atuais), subsistem no imaginário lúdico e cultural da humanidade por várias gerações. É o caso das canções "Atirei o pau no gato" e "Boi da cara preta", e de personagens tais como o lobo que come a vovózinha, o caçador que mata o lobo, pais que abandonam os filhos na floresta onde uma bruxa pretende comer as crianças, a madrasta que persegue a Branca de Neve, com a passividade de seu pai. A própria história da Gata Borralheira fala em uma menina explorada pelas irmãs de criação... O que estas histórias / cantigas têm de fascinantes e que, por certo, é um dos motivos de sua manutenção entre nós, é o fato de que seus personagens têm personalidade, não são simplistas, e se mantêm (não mudam a toda hora, dificultando a compreensão das crianças). Nos contos clássicos os personagens são menos volúveis, as narrativas mais ricas, fazendo as crianças pensarem. Isto não quer dizer que entre as produções infantis da atualidade não existam personagens assim, mas só o tempo mostrará o que têm de fundamental para a nossa cultura, isto é, o quanto concorrem para a constituição do patrimônio lúdico e cultural da humanidade. Quando se sabe que uma obra é um clássico? Como diz Roland Barthes, "quando se dá a ler ao longo do tempo". Tem muita criança (e até seus pais e professores) que nunca viu um lobo ou mesmo um boi, e no entanto eles povoam o imaginário infantil. Por quê? Porque são maravilhosamente transmitidos por meio da tradição oral, de forma transgeracional (de uma geração à outra), em momentos mágicos de encontro das infâncias (da infância de uma criança com a infância de um adulto que foi criança). Também porque este é um dos preciosos meios que temos - e temos poucos meios, se comparados com os recursos psíquicos do adulto - quando somos crianças, para lidar com situações desagradáveis e resolver conflitos pessoais. Esta é, na verdade, uma forma de proteger as crianças, já que por seu intermédio a criança lida com seus medos e emoções. Outro aspecto relevante dos contos tradicionais é a esperança que supõem: o final feliz, a transformação, por vezes o perdão e, mais freqüentemente, a punição exemplar, sugerem justiça, insuflam esperança, fé no futuro. Mais um motivo pelo qual estas histórias são tão fascinantes é o fato de que tratam dos temas angustiantes da humanidade: a origem da vida, a

morte, o abandono, a perda dos pais e também a sexualidade. Finalmente, estas histórias, desenhos e canções abordam a criação e vivência de mundos imaginários, mundos que não existem - mas, quem sabe?... Ao abrir espaço para o que não existe, para o que é imaginado, produto da fantástica mente humana, supõem e dependem de criatividade. Terão as canções, as histórias e os desenhos infantis mudado ou preservaram, retirada toda a nova roupagem, características que apresentam há muitos anos? Assim como alguns conteúdos persistem, o estilo mudou, tanto em ritmo da narrativa quanto em construção dos personagens. Um exemplo emblemático é o caso do desenho animado da atualidade "A Vaca e o Frango", cujo traço é nervoso, rápido, o humor é ácido, corrosivo mesmo. No entanto, as crianças pequenas (até 5/6 anos) ficam atentas aos quadros e imagens coloridas que mudam rapidamente, fixando-se em fragmentos da trama, reduzida às mesmas moléculas dos contos tradicionais infantis: bem / mal, amor / ódio / reparação, vida / morte, desejo / realidade, etc. Uma pergunta, no entanto, se impõe: será que esta narrativa tão veloz estimulará pouco o pensamento, em benefício da imagem fugidia, deliciosa mas fugaz? Parece não dar tempo para pensar, para ficar triste, chorar, ter medo e ter esperança de melhorar! Por outro lado, pode uma história infantil / canção / desenho provocar algum efeito negativo sobre a criança? Há que se avaliar mais o modo e o momento em que são contadas, do que seu conteúdo em si. Por exemplo, a história da "Bela Adormecida" contada antes de dormir, ou a história de "João e Maria" contada a uma criança que está hospitalizada ou antes de dormir pode aumentar seus temores de abandono, em lugar de tranquilizar ou ajudar a elaborar temores. Assim, o papel dos adultos é fundamental: conversar sobre o que as crianças estão pensando a respeito do conteúdo das histórias, seu tema, a época e as condições em que a trama se passou. Mas, cuidado: não cabe ao adulto "moralizar" as histórias, com frases do tipo "viu o que acontece quando não se obedece à mamãe?" O importante é que as hipóteses da criança possam ser externadas através da elaboração secundária, e que o adulto possa acolher o conteúdo de seu universo psíquico, em lugar de tentar dirigi-lo. Isto implica, da parte do adulto, muita generosidade, altivez e capacidade de brincar de brincar com a criança...

Professora de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação da UFRGS. Coordenadora geral do Programa de Extensão Universitária "Quem quer brincar?"

Tânia Ramos Fortuna
Professora - UFRGS



Sábias Histórias, Sentenças e Versos

Ir. Heitor P. Scomazzon
Professor

Média dá Mediocre!

Os bichos vieram para a assembléia na clareira da mata, trazendo por tema da pauta de debates a reforma curricular do ensino.

Depois de sete dias de muito pio e vozerio, o congresso da bicharada decidiu que nada tinha resolvido e passou a tarefa a uma comissão constituída por um coelho selvagem, um pássaro, um esquilo, um peixe, um tatu e uma águia.

Na comissão, o coelho batia pé na corrida como a disciplina mais importante. O pássaro declarava que voar deveria ter a maior "carga horária". O peixe provava que a natação é o principal "componente curricular". Para o esquilo era "subir perpendicularmente em árvores. Abrir tocas e dominar os céus, disseram juntos tatu e águia, constituem o alicerce e a culminância curricular.

"Cada macaco no seu galho", mas na boa, na boa educação, disse de longe o curió que não fora convidado. Bichos como ele, o sabiá e o canário mantinham escolas afinadas com uma filosofia de sonhos, de empenho e de paixão pelo saber. Mas, embora mais em conta em tudo, não mereciam o apoio, antes o desfavorecimento dos animais políticos.

Depois do manuseio de muitos livros de vocabulário sofisticado, trazidos para aquele "espaço dialógico" pelo papagaio, renomado palestrante convidado, a comissão editou os novos "parâmetros curriculares", obrigatórios para todos os bichos de ponta a outra da floresta. Sem muita consideração para o ensino religioso, para o qual, embora fosse séria reivindicação social, garantia da ética e da moral, o congresso animal desestimulou o gasto, pois o mato não carece dos mandamentos, lá não há corrupção, já dizia o Emílio.

Entre outras originalidades, a reforma criou uma escola no fim da escola, que denominou recuperação, depois reforço e logo embelezou chamando de "oportunidade adicional"; bichos que rodassem na primeira aborreciam na segunda até passar. Como se dor de barriga de março recbesse chá em dezembro.

No fim do ano letivo, o coelho alcançou nota oito em corrida, média em outras disciplinas, mas não logrou aprovação em escalada de árvores: tombou, sofreu traumatismo craniano. Antes, campeão da maratona, agora, de orelhas caídas lá na última classe, repete a série. O urubu, apaixonado das correntes aéreas, quando se tratava de cavar buracos, quebrava o bico nas pedras e as penas também. Curva descendente no "gráfico de rendimento" em vôo, pairou na média; mas, com zero em canto orfônico e higiene, repete o ano, grasnando seu futuro da cor das penas. O esquilo, florescente gênio da verticalidade, rodou por três décimos em nado de costas; o tatu, talento da engenharia de metrô, rodou porque vivia distraído, desenhando túneis durante as aulas; o peixe, quatro vírgula cinco, criador do processo de nadadeiras voadoras, rodou também: inventar não era matéria de avaliação.

O objetivo dos objetivos eram as notas; e a medida da escola, o índice de aprovação nos vestibulares, inventados para impedir o bom acabamento médio e frear o acesso à educação superior.

Freqüentar a universidade pública (muito mais onerosa que a particular, mas gratuita para bichos ricos), era a glória; ingressar num curso técnico, a frustração. Os vestibulares passaram a contar mais que as formaturas, mereciam faixas na cidade e nas praias. A fatura era dos cursinhos de dicas para o "bixo chegar lá", e não dos sonhos, do empenho e da paixão de bichos como os curios, canários e sabiás. As estatísticas do operoso ministério engordavam de números, mas revelavam que a fauna assumia o cinzento, apesar das provas nacionais, instituídas e multiplicadas para engordar estatísticas. Pior: contava o ensino e não a educação. Desde o tempo de Pombal, a metodologia oficial incentivava a raposa, o gambá, a coruja, o gato-do-mato e outros notívagos a colarem, pois o que comanda a vida são as "notas". A mata ensombreciu no regime da mediocridade social, conferível na giria e nos modismos, nas grosserias e vulgaridades dos programas de tevê e na submissão à cultura estrangeira. Verdade é que havia superprodução de jeitinho e de cultura de corrupção, do votante ao votado. Isso sim, parâmetro avaliativo indesejável.

Quem melhor concluiu o ano escolar foi a águia. Graças à sua acuidade e visão global da floresta, pairava galhardamente nos 50% da média em todas as disciplinas, se bem que o regime de freqüência obrigatória, que a compelia a cumprir horário até nos túneis do tatu, fizesse seu desempenho perder altitude na sua competência essencial.